

Caro(a) aluno(a),

Neste Caderno você terá a oportunidade de identificar a especificidade do discurso filosófico em relação ao discurso religioso e mítico. Ao compreender as particularidades do discurso filosófico, você terá mais oportunidades de estabelecer uma ligação mais próxima com a filosofia e com seu significado.

A compreensão do sentido da filosofia é também obtida com base nos campos em que a reflexão filosófica se desenvolve e, neste Caderno, um campo a ser explorado é o da política – que envolve o entendimento da natureza do poder, da autoridade, da lei, da justiça, dos regimes políticos e de seus fundamentos, entre outros aspectos. Pensar a política em toda a sua abrangência nos permite concluir que ela só pode ser pensada a partir do humano.

Trataremos da política a partir das perspectivas, num primeiro momento, de Platão a Aristóteles, passando às considerações de Rousseau sobre a desigualdade social e a tentativa de superação dela por meio do contrato social.

Trouxemos, dessa forma, contribuições de outras épocas e lugares para refletir sobre a condição da vida política na sociedade atual. Procedemos alguns saltos históricos com cuidadosas ressalvas, procuramos evitar anacronismos e tentamos nos aproximar das questões contemporâneas. A história da Filosofia é feita dessas reanimações sucessivas, dessas retomadas do que já foi pensado. Esta é uma das características da Filosofia: ela não perde a validade.

Esperamos que, a partir dos temas abordados neste Caderno, você possa se posicionar com mais rigor e clareza acerca das questões filosóficas, vivenciando com mais responsabilidade as questões do nosso tempo.

Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

Equipe Técnica de Ciências Humanas



## Para começo de conversa

Caro aluno,

Este é o 2º Caderno de Filosofia, com o qual daremos continuidade à reflexão sobre o discurso filosófico, pensando-o em comparação com o discurso religioso. Além disso, o ser humano será considerado por sua capacidade de fazer política.

A palavra “política” ocupará o centro das reflexões que você e seus colegas desenvolverão com a ajuda do professor. Essa é uma palavra utilizada em diferentes contextos, com diferentes significados e, como é assunto de grande importância para quem se preocupa com a construção de uma vida melhor para todos, ela merece receber o tratamento próprio da reflexão filosófica.

Por quê?

Para a superação de preconceitos e para a procura de uma compreensão aprofundada sobre o significado de política que interesse a uma sociedade de igualdade de direitos e de justiça. E, por falar nisso, essas serão palavras que merecerão também atenção especial neste Volume.

Bom estudo!



## SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1 FILOSOFIA E RELIGIÃO

### O que dizem um filósofo e um religioso

Para iniciar o estudo sobre diferenças ou semelhanças entre o discurso religioso e o discurso filosófico, propomos um exercício que tem como base um acontecimento destacado do noticiário jornalístico brasileiro de 2006. Organizado em grupos com seus colegas, você deve criar hipóteses sobre possíveis comentários de um **filósofo** e de um **religioso** a respeito do acontecimento apresentado a seguir.

Em 29 de setembro de 2006, um *Boeing* da companhia aérea Gol foi atingido em pleno voo por outro avião bem menor, modelo *Legacy*. Os ocupantes do *Legacy* nada sofreram e a queda do *Boeing* da Gol provocou a morte de 154 pessoas.

Registre no quadro a seguir os comentários hipotéticos que o seu grupo elaborou. Quando todos os grupos tiverem concluído o registro, seu grupo apresentará os comentários para a classe e discutirá as diferenças e semelhanças.

Comentários de um religioso	Comentários de um filósofo



### Leitura e Análise de Texto

#### Filosofia e religião

O primeiro esforço para pensar as relações entre a filosofia e a religião conduz à questão sobre a origem da filosofia. É bastante divulgada a ideia de que o modo de pensar, que hoje identificamos como próprio da filosofia, tem origem na Grécia Antiga, no final do século VII a.C. e início do século VI a.C. Atribui-se a Pitágoras (570 a.C.-496 a.C.) o emprego da palavra “filosofia” pela primeira vez, unindo dois termos: *philia* ou *philos* (amizade) e *sophia* ou *sophos* (saber), o que resultou em uma palavra que expressa amor pela sabedoria. Esse modo de pensar teria surgido com a necessidade de se responder a questões sobre o mundo natural e sobre os homens que não haviam sido respondidas pelo pensamento mitológico dos sacerdotes e poetas. Uma dessas questões seria: Qual é a substância essencial, mais elementar, que compõe os seres do mundo físico, da natureza material? Qual é o elemento que unifica todos os seres?

O segundo esforço para se pensar as relações entre a filosofia e a religião é justamente o de se distinguir perguntas e respostas próprias a cada um desses modos de pensar.

Sobre a origem da filosofia como necessidade grega de se criar uma forma de pensamento que pudesse melhor explicar o mundo, deve-se considerar que egípcios, mesopotâmios, hindus e chineses, ou seja, as chamadas civilizações orientais, também criaram filosofias em períodos concomitantes ou anteriores aos primeiros filósofos gregos. Historiadores como Abel Rey – pesquisador português contemporâneo – defendem a ideia de que não se pode afirmar que a origem da filosofia é exclusivamente na Grécia, porque os próprios gregos exaltaram a sabedoria oriental. Dessa forma, o ideal é perguntarmos pela origem da filosofia tanto no campo do pensamento oriental como no campo do pensamento ocidental.

Historiadores da filosofia, entre os quais destacamos Werner Jaeger, defendem ainda que a filosofia não surge em contraposição e como algo absolutamente diferente dos mitos, mas sim a partir desses, a partir de temas e preocupações predominantes no discurso religioso e nos mitos registrados em poemas como a *Iliada* e a *Odisseia*, de Homero, e nos poemas de Hesíodo, por exemplo. Os historiadores destacam vários aspectos que são comuns a ambos: preocupação dos poetas por apresentar causas e motivos das ações; esforço para descrever os fatos em uma abrangência que abarca deuses, homens, terra, céu, guerra, paz, bem e mal; preocupação dos poetas por construir narrativas para ensinar a justiça como virtude fundamental. O mito, assim, já contemplaria a estrutura de apresentação dos fatos e os temas valorizados pela filosofia. Se a filosofia não é uma inovação que rompe radicalmente com o discurso próprio dos mitos, dos poemas e da religião, deve-se perguntar, então, qual é a sua novidade, qual é a sua diferença? As aulas de filosofia ajudarão a busca dessa resposta.

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

Quais os aspectos comuns ao discurso filosófico e ao discurso religioso? Responda em folha avulsa.

## Qual a diferença?

Nesta aula, é importante a leitura em silêncio de dois textos: um trecho da Introdução da *Crítica da razão pura*, de Immanuel Kant (1724-1804) e uma transcrição do mito denominado *Eros e Psiquê*, narrado pela primeira vez pelo escritor romano Lucius Apuleius (125 d.C.-164 d.C.).



### Leitura e Análise de Texto

#### Crítica da razão pura de Immanuel Kant

##### Introdução

##### I – Da distinção entre o conhecimento puro e o empírico

“Podemos afirmar que todos os nossos conhecimentos têm origem em nossa experiência. Se fosse ao contrário por meio do que a faculdade do conhecimento<sup>1</sup> deveria ser exercitada<sup>2</sup> senão por objetos que tocam nossos sentidos e em parte produzem por si mesmos representações, em parte colocam em movimento a atividade do nosso entendimento para compará-las, reuni-las ou separá-las e, dessa maneira, proceder à elaboração da matéria informe das impressões sensíveis até um conhecimento das coisas, o que se denomina experiência?

Portanto, no tempo nenhum conhecimento antecede a experiência; todos começam por ela.

Porém, nosso conhecimento empírico é formado pelo que recebemos das impressões e pelo que a nossa faculdade de conhecer lhe adiciona, estimulada pelas impressões dos sentidos; aditamento que somente distinguimos por longa prática que nos capacite a separar esses dois elementos.

Eis aí uma questão que merece reflexão: existe mesmo um conhecimento que não depende da experiência e das impressões dos sentidos?

Esses conhecimentos são chamados ‘a priori’ e diferem dos empíricos, cuja origem é ‘a posteriori’, ou seja da experiência.

Mas há conhecimentos que surgem indiretamente da experiência, isto é, de uma regra geral obtida pela experiência e que não podem ser chamados de conhecimentos ‘a priori’.

Citamos como exemplo de conhecimento empírico: escavando os alicerces de uma casa ‘a priori’ esperar-se-á que ela caia, sem haver necessidade de olhar a experiência da sua queda, porque já se sabe que todo corpo abandonado no ar, sem sustentação, cai ao impulso da gravidade.

Assim, dizemos que conhecimento ‘a priori’ é o adquirido independentemente de experiências e o conhecimento empírico é o que só é possível ‘a posteriori’ (por meio de experiência).

Portanto, afirmamos que o conhecimento ‘a priori’ é oposto ao conhecimento empírico.

Ainda, os conhecimentos ‘a priori’ se dividem em puros e impuros. O conhecimento ‘a priori’ puro é o que precisa, de fato, da empiria.

Como exemplo, ‘toda mudança tem uma causa’ é um princípio ‘a priori’ e impuro, pois a conceituação de mudança apenas pode ser formada, tirada da experiência”.

<sup>1</sup> (Erkenntnisvermööigen)

<sup>2</sup> (Zur Ausübung erweckt)

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução Lucimar A. Conghi Anselmi; Fulvio Lubisco. São Paulo: Ícone, 2007. p. 5-6. (Coleção Fundamentos).



## Leitura e Análise de Texto

### Eros e Psiquê

“Era uma vez um rei que tinha três filhas. A mais nova, de nome Psiquê, destacava-se por sua beleza. Dizia-se até que Afrodite – a deusa da beleza – não era tão bonita quanto Psiquê, cujo nome em grego antigo significa alma.

Os homens deixaram de cultuar a deusa Afrodite para adorar Psiquê.

Afrodite ofende-se com esta situação e pede a seu filho Eros, o deus do Amor, para preparar uma vingança. Ele ficou tão maravilhado ao ver Psiquê que não conseguiu cumprir a ordem da mãe. Enquanto Eros sofria por não conseguir atender ao pedido de sua mãe, Psiquê, sem saber das intenções de Afrodite, esperava encontrar um marido. Seu pai consultou o oráculo de Apolo para ajudar Psiquê a encontrar seu marido. Eros também consultou o oráculo para conseguir realizar o pedido de sua mãe.

Orientado pelo oráculo, o rei levou Psiquê para o alto de uma montanha na qual encontraria um monstro disposto a se casar com ela.

Também orientado pelo oráculo, Eros dirigiu-se para a mesma montanha na qual deveria se casar com Psiquê, sem permitir que ela visse seu rosto e fazendo-se passar por um monstro.

Embora Psiquê não o visse, tinha certeza de que não se tratava de nenhum monstro horroroso. A partir de então sua vida ficou assim: luxo, solidão e vozes que faziam suas vontades durante o dia e, à noite, a voz de seu amor. Mas a proibição de ver o rosto do marido a intrigava. E a inquietação aumentou mais ainda quando o misterioso companheiro avisou que ela não deveria encontrar sua família nunca mais, pois, se assim fosse, coisas terríveis começariam a acontecer. Ela não se conformou com isso e, na noite seguinte, implorou a permissão para ver pelo menos as irmãs. Contrariado, mas com pena da esposa, ele acabou concordando. Assim, durante o dia, quando ele estava longe, as irmãs foram trazidas da montanha pela brisa e comeram um banquete no palácio. Como temia Eros, a alegria que as duas sentiram pelo reencontro logo se transformou em inveja e elas voltaram para casa pensando em um jeito de acabar com a sorte da irmã. Nessa mesma noite, no palácio, aconteceu uma discussão. O marido pediu para Psiquê não receber mais a visita das irmãs e ela, que não tinha percebido seus olhares maldosos, se rebelou. Além de estar proibida de ver o seu rosto, ele agora queria impedi-la de ver até mesmo as irmãs? Novamente, ele acabou cedendo e no dia seguinte as pérfidas foram convidadas para ir ao palácio de novo. Mas dessa vez elas apareceram com um plano já arquitetado. Elas a convenceram de que o marido só podia ser um monstro e aconselharam Psiquê a matá-lo. À noite ela teria que esconder uma faca e uma lamparina de óleo ao lado da cama para matá-lo durante o sono. Psiquê caiu na armadilha. E, quando acendeu a lamparina, viu que estava ao lado do próprio Eros, o deus do amor, a figura masculina mais bonita que havia existido. Ela estremeceu, a faca escorregou da sua mão, a lamparina entornou e uma gota de óleo fervente caiu no ombro dele, que despertou, sentiu-se traído, virou as costas, e foi embora dizendo: 'Não há amor onde não há confiança'. Psiquê ficou desesperada e resolveu empregar todas as suas forças para recuperar o amor de Eros, que se encontrava na casa da mãe recuperando-se do ferimento no ombro. Psiquê pedia aos deuses para acalmar a fúria de Afrodite, sem obter resultado. Resolveu se oferecer à sogra como serva, dizendo que faria qualquer coisa por Eros. Ao ouvir isso, Afrodite gargalhou e respondeu que, para recuperar o amor dele, ela teria que passar por uma prova. Em seguida, pegou uma grande quantidade de trigo, milho, papoula e muitos outros grãos e os misturou. Até o fim do dia, Psiquê teria que separar tudo aquilo. Era uma tarefa impossível e ela já estava convencida de seu fracasso, quando centenas de formigas resolveram ajudá-la e fizeram todo o trabalho. Surpresa e nervosa por ver aquela tarefa

cumprida, a deusa fez um pedido ainda mais difícil: queria que Psiquê trouxesse um pouco de lã de ouro de umas ovelhas ferozes. Percebendo que seria trucidada, ela já estava pensando em se afogar no rio quando foi aconselhada por um caniço (uma planta parecida com um bambu) a esperar o sol se pôr e as ovelhas partirem para recolher a lã que ficasse presa nos arbustos. Deu certo, mas no dia seguinte uma nova missão a esperava. Agora Psiquê teria que recolher em um jarro de cristal um pouco da água negra que saía de uma nascente que ficava no alto de uns penhascos. Com o jarro na mão, ela caminhou em direção aos rochedos, mas logo se deu conta de que escalar aquilo seria o seu fim. Mais uma vez, conseguiu uma ajuda inesperada: uma águia apareceu, tirou o jarro de suas mãos e logo voltou com ele bem cheio de água negra. No entanto, a pior tarefa ainda estava por vir. Afrodite dessa vez pediu a Psiquê que fosse até o inferno e trouxesse para ela uma caixinha com a beleza imortal. Desta vez, uma torre lhe deu orientações de como deveria agir, e, assim, ela conseguiu trazer a encomenda. Tudo já estava próximo do fim quando foi dominada pela tentação de pegar um pouco da beleza imortal para tornar-se mais encantadora para Eros. Ela abriu a caixa e dali saiu um sono profundo, que em poucos segundos a fez tombar adormecida. A história acabaria assim se o amor não fosse correspondido. Por sorte Eros também estava apaixonado e desesperado. Ele pediu a Zeus, o deus dos deuses, que impedisse sua mãe de separá-los. Zeus então reuniu a assembleia dos deuses (que incluía Afrodite) e anunciou que Eros e Psiquê iriam se casar no Olimpo e que a noiva deveria tornar-se imortal. Hermes a conduziu ao palácio dos deuses e Zeus lhe ofereceu um doce que a tornou uma deusa e, por isto, imortal. Afrodite não poderia opor-se a que seu filho se casasse com uma deusa. Assim, Eros – o amor – e Psiquê – a alma – viveram juntos para sempre.”

APULETO, Lucio. *A Metamorfose ou O asno de ouro*. Tradução e adaptação Luiza Christov. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select\\_action=&co\\_autor=2075](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_autor=2075)>. Acesso em: 13 nov. 2009.

Após a leitura silenciosa de cada um dos textos, pode-se iniciar a identificação das diferenças. Com um colega ou em grupo, responda:

1. Qual é o objetivo de cada texto e qual é o assunto tratado em cada um deles?

---



---



---



---



---

2. De que forma a mensagem principal e as demais mensagens são apresentadas em cada um dos textos?

---



---



---

---

---

---

3. Existem aspectos que comparecem em apenas um dos textos? Quais?

---

---

---

---

---

---

---



### PESQUISA INDIVIDUAL

Se você tem acesso à internet, poderá realizar uma busca em *sites* bastante interessantes com textos filosóficos ou mitológicos. A biblioteca da escola, do bairro ou da cidade pode ajudar com livros sobre mitologia e de filósofos como Platão, Aristóteles, Rousseau, Montaigne, Descartes, Kant e tantos outros.

Esta pesquisa é muito simples: basta escolher um exemplo de narrativa mitológica e um pequeno trecho de um texto filosófico e levar para a próxima aula. Se não puder imprimir ou reproduzir os textos, você poderá copiá-los no caderno.

É importante que você leve para a próxima aula de Filosofia um exemplo de narrativa mitológica e um exemplo de texto filosófico.

Dois *sites* podem ajudar na pesquisa:

- DOMÍNIO Público. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 13 nov. 2009. O *site* traz textos que já estão liberados para uso sem restrição quanto aos direitos autorais.
- JANGADA Brasil. Disponível em: <<http://www.jangadabrasil.com.br>>. Acesso em: 13 nov. 2009. O *site* traz mitos brasileiros.

### **Apresentando os exemplos selecionados**

Converse com seus colegas sobre os textos escolhidos. Depois, eleja uma narrativa mitológica para ler e comentar, registrando as características próprias da narrativa.

#### **Registrando**

1. Nome da narrativa mitológica que você escolheu em sua busca individual.

---

2. Nome da narrativa mitológica escolhida pelo seu grupo e motivos para o destaque dela.

---

---

---

3. Nome do texto filosófico e do autor que você escolheu em sua busca individual.

---

---

4. Nome do texto filosófico e do autor escolhido pelo seu grupo e motivos para o destaque desse texto.

---

---

---

---

---

#### **Exercício**

Elabore uma frase para comunicar a diferença quanto à natureza dos textos mitológicos e dos textos filosóficos.

---

---

---

---



## SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 2 O HOMEM COMO SER POLÍTICO

### O que pensam os estudantes sobre a palavra política?

Como essa palavra é muito presente em nosso cotidiano, certamente você já a ouviu ou já pensou nela com diferentes significados. Leia com atenção as frases a seguir.

**Frase 1:** O voto não deveria ser obrigatório, porque eu nem gosto de política; por que tenho de ir votar?

**Frase 2:** O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é uma política pública que pode ajudar na mudança dos sistemas de ingresso ao Ensino Superior.

**Frase 3:** A participação política favorece a escolha dos melhores candidatos aos cargos legislativos e executivos.



- Conversando com seus colegas, discuta os diferentes significados da palavra política em cada uma das frases.
- Depois, registre individualmente um texto sobre a presença da palavra política em sua experiência de vida, em uma folha à parte.

### Como teria surgido a referência à política na história da Filosofia?

A origem etimológica da palavra localiza-se no grego antigo e traz *polittique* e *politikós*, sugerindo arte de governar a cidade e aquele que é da cidade. Em Platão e Aristóteles, a palavra *política* está associada à vida na cidade.

Um dos diálogos de Platão (428 a.C.-347 a.C.) apresenta uma das teses mais antigas sobre a arte da política. Além de antiga, ela tornou-se um marco na história da Filosofia. O diálogo chama-se *Protágoras*, e a tese sobre a virtude política encontra-se no trecho que ficou conhecido como o *Mito de Protágoras*.

Um jovem chamado Hipócrates pede que Sócrates o apresente a Protágoras (480 a.C.-410 a.C.) na esperança de tornar-se seu discípulo, por quem tem grande admiração. Sócrates leva Hipócrates a uma reunião, na qual Protágoras se exhibe para uma pequena plateia de atenienses.

A seguir, um resumo da primeira parte do diálogo.



## Leitura e Análise de Texto

### Protágoras

*Sócrates:* Vou começar, Protágoras, pela finalidade da nossa visita. Hipócrates, aqui presente, deseja entrar para a tua escola e diz que gostaria de conhecer as vantagens que obteria com teu ensino. Eis tudo o que temos a dizer.

*Protágoras:* Meu jovem, a vantagem que obterás com minhas lições é que, depois de passares um dia comigo, voltarás para casa melhor do que eras; no dia seguinte a mesma coisa, e assim, todos os dias farás progressos, sempre para melhor.

Sócrates então pede que Protágoras seja mais preciso na sua resposta e este acrescenta: “Eu só ensino a meus discípulos a ciência que eles procuram; esta ciência é a prudência, que lhes ensinará, nos negócios domésticos, a melhor forma de administrar a própria casa, e nos negócios da cidade (*pólis*) os tornará melhores para agir e falar por ela”.

*Sócrates:* Terei compreendido bem tua explicação? Referes-te então à arte política e dedicas-te a formar bons cidadãos?

*Protágoras:* Isso mesmo, Sócrates; esta é a ciência à qual me dedico.

Sócrates, então, passa a questionar Protágoras sobre a real possibilidade de se ensinar a virtude da mesma forma como se ensinam outras artes, como a da medicina, ou a de tocar flauta, e desafia Protágoras a demonstrar que ensinar a arte da política é, de fato, possível.

*Protágoras:* Pois bem, Sócrates. Mas, o que preferes? Que faça a minha demonstração contando uma fábula, como um avô conta histórias aos netos, ou discutindo a questão, ponto por ponto?

Como os presentes ao diálogo respondessem que Protágoras tratasse a questão como preferisse, Protágoras responde: “Parece que contar a fábula será mais agradável para todos”.

E, assim, passa a contar o que se tornou célebre como o “Mito de Protágoras”.

Eis um resumo da história:

[...]

Os deuses haviam terminado a criação das várias criaturas (animais) do mundo. Mas ainda tinham que dar-lhes vida. Para tanto, chamaram dois irmãos – Prometeu e Epimeteu – para realizarem a seguinte tarefa: distribuir os dons para as diversas espécies, de maneira equitativa para que se garantisse que uma espécie não acabasse por destruir a outra. Epimeteu convence o irmão a deixá-lo fazer a distribuição dos dons e depois chamar Prometeu para conferir a obra. Epimeteu fez a partilha, dando a uns a força, e não a velocidade; a outros, a velocidade, mas não a força; deu recursos a alguns, e não a outros, a quem doou outros meios de sobrevivência. [...] Estes cuidados visavam evitar a extinção de cada raça.

Quando Prometeu veio examinar a distribuição dos recursos, viu as várias criaturas bem providas de tudo, enquanto o homem encontrava-se nu, descalço, sem proteção ou armas. Sem saber o que fazer, roubou dos deuses o domínio do fogo e das artes e presenteou-o ao homem. Assim, o homem ficou com as técnicas para se conservar vivo, mas sem a arte da política.

Por estes favores aos homens, parece que Prometeu foi severamente punido mais tarde.

Com o que tinha, o homem articulou a linguagem, construiu casas, inventou a agricultura. Mas, isolados, continuavam frágeis diante dos perigos da natureza. E, quando procuravam reunir-se em segurança, fundando cidades, faziam mal uns aos outros, pois não tinham os saberes da política, e assim, se dispersavam e acabavam por morrer.

Então, Zeus, temendo que a nossa espécie se extinguisse, encarregou Hermes de levar aos homens os dons do pudor e da justiça como norma para a convivência a ligar os homens pelos laços da civilidade.

Depois de estabelecer que o pudor e o senso da justiça fossem repartidos a todos os homens sem exceção, ordena que, em seu nome, todo homem incapaz de pudor e justiça ‘seja exterminado como se fosse uma peste na sociedade’.

E assim, a humanidade sobreviveu e progrediu.

Em seguida, Protágoras apresenta seus argumentos, tratando a questão ‘ponto por ponto’. Afirma que, em relação às artes, concorda que os profissionais não admitam que amadores deem palpite. ‘Mas, quando se delibera sobre política, que se apoia no senso da justiça e na temperança, é adequado admitir todo o tipo de gente a opinar. Pois é necessário que todos tenham parte na virtude da civilidade. Senão, não poderia existir a cidade.’

Depois, quanto à possibilidade de se ensinar a virtude política, oferece outros argumentos:

‘No ensino da virtude, a tarefa dos pais começa desde os primeiros anos e estende-se até a morte [...]. Cada ato, cada palavra serve de ocasião para uma lição: ‘Isto é justo, dizem-lhe, aquilo injusto; isto é belo, aquilo vergonhoso; isto agrada aos deuses, aquilo desagrada; faça isto, não faça aquilo’. [...] Depois, os pequenos são mandados à escola [...]. Ali conhecem as muitas normas, muitas histórias de louvor aos heróis antigos. É que se espera que a criança os imite e busque se assemelhar a eles.’

‘Pelo fato de todos ensinarem a virtude, cada um na sua oportunidade, parece que ninguém a ensina. É o mesmo que se dá ao procurar um professor específico para ensinar a falar o grego (nossa língua materna). Não existe tal professor.’

Depois da exposição da fábula e dos argumentos, Sócrates vira-se para o candidato a discípulo de Protágoras e exclama: “Hipócrates, filho de Apolodoro, como agradeço me fazeres vir a este encontro! Por nada no mundo trocaria o prazer de ter ouvido este discurso de Protágoras”.



LIÇÃO DE CASA



**Reflexão a partir da leitura**

Algumas perguntas podem ajudar na retomada do texto em casa.

1. Qual é a ciência apontada por Protágoras para bem administrar a vida doméstica e a vida nas cidades?

---

---

---

2. Além dessa, ou a complementá-la, quais as outras condições para o exercício da boa convivência nas cidades?

---

---

---

3. De que forma essas condições se complementam? Apresente exemplos cotidianos.

---

---

---

---

---

---

4. Protágoras afirma, no diálogo, que a política assim concebida é algo possível de ser ensinado. O que você pensa a respeito? As virtudes destacadas no diálogo apresentado podem ser ensinadas?

---

---

---

---





## Leitura e Análise de Texto

### Política

“[...] Se as primeiras comunidades são um fato da natureza, também o é a cidade, porque ela é o fim daquelas comunidades, e a natureza de uma coisa é o seu fim: aquilo que cada coisa se torna quanto atinge seu completo desenvolvimento, nós chamamos de natureza daquela coisa, quer se trate de um homem, de um cavalo ou de uma família. Além disso, a causa final e o fim de uma coisa é o que é o melhor para ela; ora, bastar-se a si mesma é, ao mesmo tempo, um fim e um bem por excelência.

Essas considerações tornam evidente que a cidade é uma realidade natural e que o homem é, por natureza, um animal político. E aquele que, por natureza e não por mero acidente, não faz parte de uma cidade é ou um ser degradado ou um ser superior ao homem [...] um tal homem é, por natureza, ávido de combates, e é como uma peça isolada no jogo de damas. É evidente, assim, a razão pela qual o homem é um animal político em grau maior que as abelhas ou todos os outros animais que vivem reunidos. Dizemos, de fato, que a natureza nada faz em vão, e o homem é o único entre todos os animais a possuir o dom da fala. Sem dúvida os sons da voz exprimem a dor e o prazer e são encontrados nos animais em geral, pois sua natureza lhes permite experimentar esses sentimentos e comunicá-los uns aos outros. Mas quanto ao discurso, ele serve para exprimir o útil e o nocivo e, em consequência, o justo e o injusto. De fato, essa é a característica que distingue o homem de todos os outros animais: só ele sabe discernir o bem e o mal, o justo e o injusto, e os outros sentimentos da mesma ordem; ora, é precisamente a posse comum desses sentimentos que engendra a família e a cidade.

A cidade, portanto, é por natureza anterior à família e a cada homem tomado individualmente, pois o todo é necessariamente anterior à parte; assim, se o corpo é destruído, não haverá mais nem pé nem mão, a não ser por simples analogia, como quando se fala de uma mão de pedra, pois uma mão separada do corpo não será melhor que essa. Todas as coisas definem-se sempre pelas suas funções e potencialidades; por conseguinte, quando elas não têm mais suas características próprias, não se deve dizer mais que se trata das mesmas coisas, mas apenas que elas têm o mesmo nome. É evidente, nessas condições, que a cidade existe naturalmente e que é anterior aos indivíduos, pois cada um destes, isoladamente, não é capaz de bastar-se a si mesmo e está, em relação à cidade, na mesma situação que uma parte em relação ao todo; o homem que é incapaz de viver em comunidade, ou que disso não tem necessidade porque basta-se a si próprio, não faz parte de uma cidade e deve ser, portanto, um bruto ou um deus.”

ARISTÓTELES. *Política*. Livro primeiro: Da sociedade civil e da escravidão, da propriedade e do poder doméstico. Tradução Luiza Christov. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=6486](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=6486)>. Acesso em: 13 nov. 2009.



Por que o homem é naturalmente um ser político segundo a argumentação de Aristóteles?

---

---

---

---

---

---

---

---



### SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 3 PLATÃO E A JUSTA DESIGUALDADE

#### **A concepção platônica da desigualdade em *A República***

##### **Olhando a realidade brasileira**

O mundo em que vivemos é marcado por profundas desigualdades sociais, existindo um verdadeiro abismo separando os mais ricos dos mais pobres.

Como se pode explicar essa situação? Por que existem pobres e ricos? Escreva uma breve dissertação apresentando uma **hipótese** para essas indagações.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



## Leitura e Análise de Texto

### A desigualdade no Brasil

Todos sabemos que o Brasil é um país muito desigual. O documento “Retratos das desigualdades de gênero e raça”, publicado em 2008 pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea), em parceria com o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem) e a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM),<sup>1</sup> traz importantes informações sobre a situação de mulheres e homens, negros e brancos no Brasil. Vejamos alguns dos dados levantados, referentes ao ano de 2007.

A **educação** é comumente vista como necessária para um futuro melhor e, apesar de algumas melhorias obtidas nos últimos anos, permanecem muitas desigualdades. O analfabetismo ainda atinge **6,3%** das mulheres brancas e **13,7%** das negras com 15 anos ou mais de idade. Quanto ao número de anos de estudo, enquanto os brancos estudam em média **8,8** anos, os negros passam apenas **6,8** anos na escola.

Na área da **saúde** observa-se que a população negra é bem mais dependente do Sistema Único de Saúde (SUS) do que a população branca. Para esta, **54%** dos atendimentos e **59%** das internações são cobertos pelos SUS, enquanto entre os negros essas proporções sobem para **76%** e **81%**, respectivamente. A situação se inverte quando se trata de cobertura por planos de saúde privados, os quais atingem **32,2%** dos brancos e apenas **14,7%** dos negros. No que se refere ao exame clínico de mamas, **36,4%** das mulheres de 25 anos ou mais de idade nunca o fizeram, “sendo que entre as brancas a proporção é de **28,7%** e entre as negras a proporção sobre para **46,3%**.”<sup>2</sup>

Do total de domicílios que recebem o **Bolsa Família**, **69%** são chefiados por negros, o que evidencia que esses são a “grande maioria entre os mais pobres, estão nas posições mais precárias do mercado de trabalho e possuem os menores índices de educação formal.”<sup>3</sup>

As mulheres e os negros são mais atingidos pelo **desemprego**, “sendo as mulheres negras as que se encontram em situação mais precarizada”: apresentam uma taxa de desemprego de **12,4%**, enquanto a das mulheres brancas é de **9,4%**, a dos homens negros de **6,7%** e a dos homens brancos de **5,5%**.

Quanto às condições de **moradia**, observa-se que **3,6%** das residências estão em favelas, o que equivale a aproximadamente **2 milhões de domicílios**, ou pelo menos **8 milhões de pessoas**. Do total dessas residências, **66,1%** são chefiadas por mulheres ou homens negros (**26%** e **40,1%** respectivamente), enquanto **33%** são chefiadas por mulheres ou homem brancos (**11,7%** e **21,3%** respectivamente). Há, portanto, “uma sobrerrepresentação da população negra vivendo em favelas, o que reforça, mais uma vez, sua maior vulnerabilidade social.”<sup>4</sup>

No quesito **distribuição da renda**, em geral as mulheres têm salários bem inferiores aos dos homens, mas as mulheres negras estão em situação ainda mais desvantajosa. Enquanto as brancas ganham, em média, **62,3%** do valor do salário dos homens brancos, as mulheres negras recebem **34%** desse valor. Do total da população branca, **20%**

encontram-se abaixo da linha de pobreza, enquanto para a população negra esse índice sobe para **41,7%**. E “enquanto **6,6%** dos brancos recebem **menos de ¼** de salário mínimo *per capita* por mês, esse percentual salta para **16,9%** da população negra.”<sup>5</sup> Isso significa que, entre os negros, há **20 milhões** a mais de pobres e **9,5 milhões** de indigentes.

No que se refere aos **afazeres domésticos**, as discrepâncias entre homens e mulheres são gritantes. Se **87,9%** das mulheres com 16 anos ou mais afirmam ocupar-se deles, entre os homens essa porcentagem cai para **50,7%**. Essas mesmas mulheres dedicam **27,2 horas semanais** a essas atividades, ao passo que os homens gastam apenas **10,6 horas**, quase três vezes menos. Uma explicação precipitada para esta discrepância poderia ser a maior participação dos homens no mercado de trabalho. Trata-se, porém, de um argumento no mínimo insuficiente. Isso porque as mulheres que trabalham fora de casa dedicam **22,3 horas** semanais aos afazeres domésticos, enquanto os homens que não trabalham gastam **13,7 horas**, ou seja, **8 horas e 36 minutos** a menos por semana.

“De fato, a sobrecarga de trabalho das mulheres, que, mesmo ocupando postos no mercado de trabalho, continuam respondendo pelas árduas atividades domésticas, encontra suas raízes na divisão sexual do trabalho e na naturalização da responsabilidade feminina pelas tarefas executadas no âmbito doméstico.”<sup>6</sup>

Enfim, segundo a ministra da Secretaria Especial de Políticas para a Mulher, Nilcéa Freire, apesar dos avanços já obtidos, “[...] a velocidade não é a que queremos. Se fizermos uma regra de três simples, projetando os dados da PNAD (*Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*) para o futuro, levaríamos 87 anos para superar a diferença salarial entre homens e mulheres.”<sup>7</sup>

<sup>1</sup> *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. Luana Pinheiro et al. 3. ed. Brasília: Ipea: SPM: UNIFEM, 2008. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf/livreto\\_retrato\\_3edicao.pdf](http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf/livreto_retrato_3edicao.pdf)>. Acesso em: 13 nov. 2009.

<sup>2</sup> Idem, p. 21.

<sup>3</sup> Idem, p. 23.

<sup>4</sup> Idem, p. 29.

<sup>5</sup> Idem, p. 33.

<sup>6</sup> Idem, p. 35.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.agencianacional.gov.br/noticias/2008/12/16/materia.2008-12-16.3412622149/view>>. Acesso em: 13 nov. 2009.

N. E.: Os grifos são dos autores deste Caderno.

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

Discuta com seus colegas as seguintes questões:

1. Quais são as causas da desigualdade no Brasil?

---



---



---



---



---

2. Como você se sente em relação à realidade apresentada no texto?

---



---



---



---



**LIÇÃO DE CASA**



Na história da Filosofia houve filósofos que se preocuparam em refletir sobre o tema da desigualdade social. Nas duas últimas Situações de Aprendizagem, conheceremos um pouco a posição de dois deles: Platão, já estudado no Volume anterior, e Rousseau, filósofo do século XVIII. Como iniciaremos com Platão, faça uma breve pesquisa na biblioteca e/ou na internet sobre esse filósofo, levantando os seguintes aspectos:

- elementos do contexto histórico em que viveu;
- dados biográficos, incluindo curiosidades sobre ele;
- aspectos de sua filosofia;
- algumas de suas obras.

Em seguida, resuma os dados coletados e insira-os no quadro na forma de esquema.

<b>Platão</b>
O contexto histórico: _____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

Dados biográficos: \_\_\_\_\_

---

---

---

---

Filosofia: \_\_\_\_\_

---

---

---

---

---

---

---

---

Obras: \_\_\_\_\_

---

---

---

### **Platão e a justa desigualdade: o mito dos nascidos da terra**

Em grupo, levante algumas possíveis explicações para a desigualdade social que você considera como “mentiras”, isto é, explicações insuficientes, ingênuas, ideológicas, fantasiosas. Comente-as explicitando as razões de sua insuficiência.

---

---



### Leitura e Análise de Texto

Platão também se vale de uma “mentira”, ou, mais precisamente, de uma fábula, para explicar a desigualdade de classes da sociedade ateniense. Trata-se, porém, para ele, de uma “mentira genuína”, visto que é “necessária” e útil à conservação da cidade.

#### **Platão e a justa desigualdade: o mito dos nascidos da terra**

Atenas, no tempo de Platão (século V a.C.), era uma cidade-Estado com significativas desigualdades sociais. Afinal, embora se tratasse de uma democracia direta, era também uma democracia escravista, na qual o direito à cidadania restringia-se a cerca de 10% da população, isto é, aos nascidos na cidade, do sexo masculino, adultos e livres. Estavam, portanto, excluídos os escravos, os estrangeiros, os menores de 18 anos e as mulheres.

Havia três classes fundamentais na organização da sociedade ateniense em termos das atribuições na *pólis*: a dos magistrados, minoritária, formada pelos governantes, encarregados de elaborar as leis e fazê-las cumprir; a dos artífices ou classe econômica, mais numerosa, representada pelos trabalhadores em geral (artesãos, lavradores, comerciantes etc.) livres ou escravizados, responsáveis pelo provimento dos bens necessários à sobrevivência dos cidadãos; e a dos guerreiros, encarregados da defesa da cidade.

Para Platão, essa desigualdade de classes não é necessariamente um problema, desde que cada cidadão seja encaminhado para a função que está em conformidade com a sua natureza.<sup>1</sup> Isso porque, para ele, cada um nasce mais preparado para exercer um determinado tipo de atividade. A cidade justa é aquela que se organiza pela justa medida, isto é, aquela em que cada um ocupa o lugar designado pela sua natureza. Nas palavras de Platão, a cidade é “justa pelo fato de que cada uma das três ordens (classes) que a constituem cumpre sua função”<sup>2</sup>, ou seja: “É justo que aquele que, por natureza, é sapateiro fabrique sapatos e nada mais faça, que o construtor construa e, quanto aos outros, também seja assim.”<sup>3</sup> Se isso for assegurado, reinará a harmonia e a prosperidade.

Para melhor explicar e justificar essa posição, Platão se vale de uma fábula, ou melhor, de uma “mentira, única e genuína”<sup>4</sup>, daquelas que se fazem “necessárias”<sup>5</sup> uma vez que servem à conservação da cidade. Trata-se do mito dos nascidos da terra, segundo o qual os gregos, tanto eles quanto suas armas, teriam sido modelados e criados no interior da terra

e esta, como sua mãe, os teria dado à luz. Por isso, eles devem cuidar do lugar onde vivem como um filho cuida de sua mãe, defendê-la dos inimigos e tratarem-se mutuamente como irmãos.<sup>6</sup> E a narrativa prossegue:

“Todos vós que estais na cidade sois irmãos, [...] mas ao plasmar-vos, o deus, no momento da geração, em todos os que eram capazes de comandar misturou ouro, e por isso são valiosos, e em todos os que eram auxiliares daqueles misturou prata, mas ferro e bronze nos agricultores e outros artesãos. Já que todos vós sois da mesma estirpe, no mais das vezes geraríeis filhos muito semelhantes a vós mesmos, mas, às vezes, do ouro seria gerado um filho de prata e, da prata, um de ouro, e assim com todas as combinações de um metal com outro. Aos chefes, como exigência primeira e maior, ordenou o deus que de nada mais fossem tão bons guardiões quanto de sua prole, nem nada guardassem com tanto rigor, procurando saber que mistura havia na alma deles e que, se um filho tivesse dentro de si um pouco de bronze ou de ferro, de forma alguma se compadecesse dele, mas que o relegasse, atribuindo-lhe o valor adequado à natureza, ao grupo dos artífices e agricultores. Mas, em compensação, se um deles tivesse em si um pouco de ouro ou prata, reconhecendo-lhe o valor, fizesse que uns ascendessem à função de guardião e outros à de auxiliares, porque havia um oráculo que previa que a cidade pereceria quando um guardião de ferro ou bronze estivesse em função.”<sup>7</sup>

Embora se trate de uma “mentira”, como reconhece Platão, esta fábula seria útil para que os magistrados “cuidassem mais da cidade e do relacionamento entre uns e outros,”<sup>8</sup> mostrando-lhes que possuem alma de ouro e que, portanto, não precisam almejar possuir ouro em metal (riqueza material), pois a maior riqueza está dentro deles e esta não perece e não lhes pode ser tomada. Assim a cidade seria governada por pessoas que não teriam motivo para praticar a corrupção, favorecendo a justiça.

<sup>1</sup> PLATÃO. *A República*. São Paulo, Martins Fontes, 2006. p. 137 [421c]; 140 [423d]; 143 [425c]; 154 [433a-e]; 156-157 [434c]; 167 [441d].

<sup>2</sup> Idem, p. 167 [441d].

<sup>3</sup> Idem, p. 170 [443c].

<sup>4</sup> Idem, p. 128 [414c].

<sup>5</sup> Ibidem.

<sup>6</sup> Idem, p. 128 [414d].

<sup>7</sup> Idem, p. 129 [415a-c].

<sup>8</sup> Idem, p. 129 [415d].

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

Leia atentamente o texto apresentado e responda:

1. Como se caracterizava a democracia ateniense?

---



---



---

2. Quais eram as três classes fundamentais de Atenas e que função cabia a cada uma?

---

---

---

---

3. Reconte em poucas palavras o mito dos nascidos da terra.

---

---

---

---

---

---

---

---

4. Em que sentido esse mito é uma mentira “necessária”? Que papel ela cumpre na sociedade ateniense segundo Platão?

---

---

---

---

---

---



LIÇÃO DE CASA



Invente uma fábula para explicar a origem das classes sociais no Brasil. Em seguida, em apenas um parágrafo, complemente e explique a função e a importância que ela teria na sociedade brasileira. É importante levar o texto produzido para a aula seguinte. Apresente esta tarefa em folhas avulsas ao professor.

**Platão e a teoria da alma**

Leia e discuta as fábulas trazidas pelos colegas sobre a origem das classes sociais. Você deverá escolher uma fábula para ser lida e comentada para toda a classe.





## Leitura e Análise de Texto

### Platão e a teoria da alma

A noção que Platão tem de justiça é reforçada pela sua teoria da alma. Para ele, assim como na cidade há três classes distintas, também a alma humana possui três partes, cada uma encarregada de uma função específica:

1. **Parte concupiscente ou apetitiva:** concupiscência é sinônimo de “cobiça de bens materiais”, desejo de “prazeres sensuais”<sup>1</sup>. Situada no baixo-ventre (entre o diafragma e o umbigo), é a parte da alma responsável pela busca da bebida, da comida, do sexo, dos prazeres, enfim, de tudo quanto é necessário à conservação do corpo e à reprodução da espécie. É irracional e mortal.
2. **Parte colérica ou irascível:** irascível é quem se irrita ou se enraivece com facilidade. Localizada no peito, acima do diafragma, sua função é defender o corpo contra tudo o que possa ameaçar sua segurança. Também é irracional e mortal.
3. **Parte racional:** é a função superior da alma, o traço divino que há em nós. Situada na cabeça, é responsável pelo conhecimento. Apenas essa parte é imortal.

**O homem virtuoso** é aquele em que cada parte da alma realiza **na medida justa** (sem falta nem excesso) a função que lhe cabe, **sob a regência da parte racional**. Cabe, portanto, à parte racional dominar as outras duas. O domínio da razão sobre a concupiscência resulta na virtude da **temperança** (moderação); o domínio da razão sobre a cólera produz a virtude da **coragem** ou da **prudência**. A virtude própria da parte racional é o **conhecimento**. Por outro lado, o **homem vicioso** é aquele em que as partes da alma não conseguem realizar suas funções próprias, ou as realizam desmesuradamente, o que ocorre quando a parte racional perde o comando sobre as outras duas. Nesse caso, instaura-se a desordem, o conflito, a violência contra si e os demais.

Ora, o que vale para o homem individualmente vale também, de certo modo, para a cidade e as três classes sociais nela existentes. Na **classe econômica**, predomina a parte concupiscente da alma. Daí ela estar sempre voltada para a obtenção de riquezas e prazeres. Assim, se essa classe assumir o governo, a cidade será mergulhada em sérios problemas econômicos, aprofundando as desigualdades. Na **classe dos guerreiros**, predomina a parte colérica, razão pela qual apreciam os combates e a fama. Se governarem, a cidade viverá em constante estado de guerra, tanto interna quanto externamente, gerando insegurança e instabilidade. Finalmente, na **classe dos magistrados**, predomina a parte racional da alma, o que lhe favorece conhecer a ciência da política e, desse modo, governar as outras duas classes e em conformidade com a justiça.

Em suma, assim como o homem justo é aquele em que a razão governa a cólera e a concupiscência, assim também na cidade, para haver justiça, é preciso que os magistrados governem as demais classes, dedicando-se estas às funções que lhes são próprias.

Caberá à educação preparar os indivíduos de cada classe para o exercício da função e da virtude a ela correspondentes. Assim, a classe econômica deve ser educada para a frugalidade e a **temperança**; a classe militar, para a **coragem**, e a classe dos magistrados, para a **prudência**.

O resultado dessa combinação será uma quarta e principal virtude: a **justiça**. Assim, a **cidade justa** é aquela em que cada classe cumpre harmoniosamente o papel que lhe cabe: o magistrado governa, o soldado defende e a classe econômica provê a subsistência dos cidadãos, tudo na mais perfeita harmonia. Desse modo, cada um exercendo a função correspondente às inclinações de sua alma, às características de sua natureza, todos concorrerão para a realização da justiça.

Eis, portanto, como Platão legitima e justifica a desigualdade entre as classes, apresentando-a como expressão da justiça e instrumento para a realização do bem comum.

<sup>1</sup> *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (edição eletrônica). Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

Com base no texto, preencha o quadro relativo à teoria da alma, de Platão.

Partes da alma	Localização	Função	Classe social	Virtudes



### PESQUISA DE CAMPO

Entreviste uma pessoa conhecida e faça-lhe a seguinte pergunta: Por que existem pobres e ricos? Anote a resposta para ser discutida em grupo, em sala de aula. Cada grupo deverá apresentar à sala uma síntese comentada das respostas obtidas.

Não mencione as alternativas à pessoa entrevistada antes que ela responda para evitar induzir a resposta.

- ( ) Porque é a vontade de Deus.
- ( ) Porque é natural que haja desigualdade.
- ( ) Porque sempre foi assim e nunca vai mudar.
- ( ) Porque o homem é naturalmente mau e egoísta.
- ( ) Porque alguns se esforçam mais que os outros
- ( ) Outra resposta: \_\_\_\_\_.



LIÇÃO DE CASA



Releia o texto apresentado, consulte outras fontes indicadas por seu professor e responda:

1. O que são, para Platão, o homem virtuoso e o homem vicioso?

---

---

---

---

---

2. Como Platão articula sua teoria da alma humana com as três classes sociais da sociedade ateniense de seu tempo?

---

---

---

---

---

3. Qual é o conceito de justiça defendido por Platão? Você concorda com ele? Justifique.

---

---

---

---

---

4. Que papel Platão atribui à educação na promoção da justiça? Você concorda? Justifique.

---

---

---

---

---

## A posição de Platão acerca da escravidão e do papel da mulher

Você sabia que existe uma lei no Brasil (Lei nº 9 504/97, art. 10, parágrafo 3º) que obriga os partidos políticos a reservarem no mínimo 30% das vagas de suas candidaturas para mulheres? O que você pensa a respeito disso?

---

---

---

---

---

---



### Leitura e Análise de Texto

#### Os escravos e as mulheres na visão de Platão em *A República*

Se Platão não vê problemas na existência de classes sociais, resta saber o que ele pensa a respeito da escravidão e do papel das mulheres na sociedade.

No que se refere à escravidão, era costume entre os povos antigos que, nas guerras, os vencedores escravizassem os vencidos. Esse suposto direito fundamentava-se na ideia de que, a princípio, o vencedor poderia matar o vencido, o qual, porém, poderia preservar a vida ao preço de sua liberdade.

Platão, ao que parece, não se opõe inteiramente a esse costume. No entanto, recomenda que se aplique apenas aos inimigos estrangeiros e não aos gregos. Vale lembrar que as cidades gregas frequentemente entravam em conflito entre si.<sup>1</sup>

Com relação ao papel das mulheres, considerando que na sociedade grega antiga elas nem sequer eram cidadãs, Platão surpreende defendendo a ideia de que, no caso das mulheres dos magistrados ou guardiões, as que se mostrassem capazes poderiam exercer as mesmas funções e receber a mesma educação.

Mas como isso seria possível se homem e mulher têm naturezas diferentes e se o próprio Platão afirmara que a cidade justa é aquela em que cada um exerce a atividade para a qual está apto por natureza? Nesse sentido, homem e mulher não poderiam exercer uma mesma atividade.

Na realidade, diz Platão, as diferenças entre homens e mulheres são apenas acidentais (como o fato de a mulher dar à luz e o homem procriar) e não por natureza. Portanto, ambos podem ocupar-se das mesmas funções. Nas palavras do autor:

“Ah! Meu amigo, entre as ocupações da administração da cidade, nenhuma cabe à mulher porque ela é mulher, nem ao homem porque ele é homem, mas as qualidades naturais estão igualmente disseminadas nos dois sexos e, por natureza, a mulher participa de todas as ocupações e de todas também o homem, mas em todas elas a mulher é mais fraca que o homem.”<sup>2</sup>

Se homem e mulher podem desempenhar funções idênticas, é natural que recebam então a mesma educação:

“Então, para que uma mulher se torne guardiã, não haverá entre nós uma educação para os homens e outra para as mulheres, principalmente porque ela irá cuidar de uma mesma natureza.”<sup>3</sup>

Mais adiante, no livro VII, ao descrever como deve ser a educação do governante da cidade, Platão reitera pela boca de Sócrates: “Não penses que o que eu disse cabe mais aos homens que às mulheres, a quantas delas por natureza forem competentes.”<sup>4</sup>

A ideia de que a mulher é mais fraca do que o homem, expressa ao final da citação apresentada, absolutamente dispensável e inaceitável aos nossos olhos contemporâneos, revela os limites do pensamento de Platão, particularmente com relação ao papel da mulher. Afinal, como qualquer pessoa, ele também está, em grande medida, condicionado pelos valores dominantes de sua época. Tal condicionamento, porém, não anula o caráter relativamente avançado e inovador de suas posições a esse respeito, comparativamente a esses mesmos valores.

<sup>1</sup> PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 205-208 [469c-471c].

<sup>2</sup> Idem, p. 184 [455e].

<sup>3</sup> Idem, p. 186 [456d].

<sup>4</sup> Idem, p. 303 [540c].

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

Após a leitura do texto apresentado, analise e comente com os seus colegas o conteúdo das mensagens veiculadas por anúncios publicitários em revistas e na TV quanto ao papel da mulher por eles apregoado. Posicione-se sobre esse conteúdo e justifique sua posição.

Anúncio	Comentário
1.	
2.	
3.	



LIÇÃO DE CASA



1. Realize uma pesquisa na internet ou em outras fontes indicadas pelo professor sobre o seguinte tema: a participação política das mulheres no Brasil.



A principal fonte recomendada para essa pesquisa é o *site* do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), no endereço: <[http://www.tse.gov.br/internet/eleicoes/2006/cargo\\_sexo\\_blank.htm](http://www.tse.gov.br/internet/eleicoes/2006/cargo_sexo_blank.htm)>. Acesso em: 13 nov. 2009. Outras fontes poderão ser indicadas pelo professor.

2. Uma vez concluída a pesquisa, responda: Se, como dizia Platão, “entre as ocupações da administração da cidade, nenhuma cabe à mulher porque ela é mulher, nem ao homem porque ele é homem, mas as qualidades naturais estão igualmente disseminadas nos dois sexos e, por natureza, a mulher participa de todas as ocupações e de todas também o homem” (PLATÃO, 2006. p. 184 [455e]), por que na sociedade brasileira a participação das mulheres na política ainda é tão pequena? Escreva suas conclusões e comentários em seu caderno.



## SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 4 A DESIGUALDADE SEGUNDO ROUSSEAU

### Desigualdade natural e desigualdade social



#### PESQUISA EM GRUPO

Em que consiste a diferença entre algo estabelecido por convenção e algo determinado pela natureza? Dê exemplos.

---

---

---

---



#### Leitura e Análise de Texto

##### Desigualdade natural e desigualdade social

Em 1753, a Academia de Dijon, na França, lançou um concurso no qual os interessados deveriam discorrer sobre a seguinte questão: *Qual é a origem da desigualdade entre os homens? É autorizada pela lei natural?* Jean-Jacques Rousseau já havia vencido anteriormente um concurso semelhante, proposto pela mesma academia, sobre o tema “Se o progresso das ciências e das artes contribuiu para corromper ou apurar os costumes”. Resolve, então, participar de novo, escrevendo seu *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens*. Vejamos como, nesse texto, o autor explica o surgimento da desigualdade social.

Inicia distinguindo dois tipos de desigualdade: uma instituída pela natureza e outra produzida pelos homens. Deixemos, porém, que o próprio autor, em sua obra, explique mais claramente a diferença entre elas:

“Concebo na espécie humana duas espécies de desigualdade: uma, que chamo de natural ou física, porque é estabelecida pela natureza, e que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito, ou da alma; a outra, que se pode chamar de desigualdade moral ou política, porque depende de uma espécie de convenção, e que é estabelecida ou, pelo menos, autorizada pelo consentimento dos homens. Consiste esta nos diferentes privilégios de que gozam alguns com prejuízo dos outros, como ser mais ricos, mais honrados, mais poderosos do que os outros, ou mesmo fazerem-se obedecer por eles.”<sup>1</sup>

No caso da desigualdade natural, diz Rousseau, não é necessário perguntar sobre sua causa porque “a resposta se encontraria enunciada na simples definição da palavra:”<sup>2</sup> ela decorre da natureza. Por isso, o autor vai se dedicar a investigar as origens da desigualdade que ele chama de “moral ou política”, isto é, da desigualdade social, procurando compreender o processo pelo qual ela foi gradualmente instituída pelos homens, desde os tempos mais remotos, até chegar ao estado em que se encontrava à época em que ele vivia (Europa do século XVIII).

Quanto ao método que adota para empreender tal investigação, esclarece que utilizará “raciocínios hipotéticos e condicionais” de modo que suas conclusões não devem ser tomadas como “verdades históricas.”<sup>3</sup> Também não levará em consideração as explicações dadas pela religião, segundo as quais a desigualdade resultaria da vontade de Deus, preferindo deixar de lado os dogmas da fé e, fazendo uso apenas da razão, “formar conjecturas, tiradas somente da natureza do homem e dos seres que o rodeiam.”<sup>4</sup> Esclarece, ainda, que não se preocupará em estudar o homem desde a sua origem, naquilo que poderia ser o “primeiro embrião da espécie,”<sup>5</sup> para entender como por meio de sucessivos desenvolvimentos ele chegou a ser o que é atualmente. Diz o autor:

“[...] não me deterei a rebuscar no sistema animal o que teria podido ser no começo para se tornar enfim o que é. Não examinarei, como o supõe Aristóteles, se suas unhas alongadas não foram primeiro garras aduncas; se não era peludo como um urso; e se, ao andar de quatro patas, o seu olhar dirigido para a terra e limitado a um horizonte de alguns passos não marcaria ao mesmo tempo o caráter e o limite de suas ideias.”<sup>6</sup>

Na realidade, Rousseau opta por não recorrer aos conhecimentos disponíveis já naquela época sobre as possíveis mudanças na conformação física e na anatomia do homem, por se tratar de assunto sobre o qual ele apenas poderia formular “conjecturas vagas e quase imaginárias.”<sup>7</sup> Em vez disso, prefere supor que o homem sempre foi constituído, em todas as épocas, como ele é hoje: “andando com dois pés, servindo-se de suas mãos como fazemos com as nossas, dirigindo o seu olhar para toda a natureza e medindo com os olhos a vasta extensão do céu.”<sup>8</sup> Vale lembrar que Rousseau não conheceu a teoria da evolução, de Darwin, que somente surgiria no século XIX.

<sup>1</sup> ROUSSEAU, J.-J. *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens*. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=2284](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2284)>. p. 12. Acesso em: 13 nov. 2009.

<sup>2</sup> Ibidem.

<sup>3</sup> Idem, p. 13.

<sup>4</sup> Ibidem.

<sup>5</sup> Idem, p. 14.

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> Ibidem.

<sup>8</sup> Ibidem.

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

Em grupo, responda:

1. Com base na distinção feita por Rousseau entre **desigualdade natural** e **desigualdade por convenção**, como você classifica a desigualdade social no Brasil? Justifique.



---



---



---



---

2. Analise e comente as respostas do quadro a seguir para a pergunta: Por que existem pobres e ricos? Todas foram colhidas na internet e, aqui, ligeiramente adaptadas.

Por que existem pobres e ricos?	
Respostas	Comentários
a) A pobreza existe porque Deus permite. É ele quem faz com que uns nasçam pobres e outros ricos. As razões, só Ele sabe.	
b) Deus permite que existam pobres e ricos para pôr ambos à prova. Os pobres, são provados na paciência e resignação; para os ricos, a prova é a caridade e a generosidade.	
c) Porque desde os tempos mais remotos, sempre houve uma divisão do trabalho entre os que pensam e planejam e os que executam. E é óbvio que os primeiros devem ganhar mais.	
d) Porque as pessoas são naturalmente diferentes em capacidade, inteligência, interesse, disposição etc. Assim, é natural que essas diferenças façam com que uns sejam ricos e outros pobres.	
e) Um pobre pode se tornar rico e um rico pode se tornar pobre. Tudo depende do esforço e da força de vontade de cada um.	
f) A desigualdade entre pobres e ricos faz parte da evolução da espécie humana. Entre os animais há grupos que dominam pela força. O homem, porém, como evoluiu mais, substituiu a força bruta pela força econômica.	



## PESQUISA INDIVIDUAL

Faça uma breve pesquisa na biblioteca e/ou na internet sobre Rousseau, levantando os seguintes aspectos:

- elementos do contexto histórico em que viveu;
- dados biográficos, incluindo curiosidades sobre ele;
- aspectos de sua filosofia;
- algumas de suas obras.

Em seguida, resuma os dados coletados e insira-os no quadro na forma de esquema.

Rousseau
O contexto histórico: _____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
Dados biográficos: _____
_____
_____
_____
_____
_____
Filosofia: _____
_____

Obras:

## O homem no estado de natureza

A seguir, estão trechos da *Carta do Achamento do Brasil* de Pero Vaz de Caminha e a reprodução do quadro sobre o descobrimento do Brasil: *Desembarque de Cabral em Porto Seguro em 1500*, de 1922, de Oscar Pereira da Silva.



### Leitura e Análise de Texto e Imagem

#### Carta de achamento do Brasil – Pero Vaz de Caminha

“A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara.

[...] O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, bem vestido, com um colar de ouro mui grande ao pescoço, e aos pés uma alcatifa por estrado. [...]

Porém, um deles pôs olho no colar do Capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata. [...] Levava Nicolau Coelho cascavéis e manilhas. E a uns dava um cascavel, a outros uma manilha, de maneira que com aquele engodo quase nos queriam dar a mão. Davam-nos daqueles arcos e setas por sombreiros e carapuças de linho ou por qualquer coisa que homem lhes queria dar. [...] E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima daquela tintura; e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela. Nenhum deles era fanado, mas, todos assim como nós. [...] Além do rio, andavam muitos deles dançando e folgando, uns diante dos outros, sem se tomarem pelas mãos. E faziam-no bem. Passou-se então além do rio Diogo Dias [...]; e levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita. E meteu-se com eles a dançar, tomando-os pelas mãos; e eles folgavam e riam, e andavam com ele muito bem ao som da gaita. [...] Estiveram assim um pouco afastados de nós; e depois pouco a pouco misturaram-se conosco. Abraçavam-nos e folgavam. [...] Diziam que em cada casa se recolhiam trinta ou quarenta pessoas, e que assim os achavam; e que lhes davam de comer daquela vianda, que eles tinham, a saber, muito inhame e outras sementes, que na terra há e eles comem. Muitos deles vinham ali estar com os carpinteiros. E creio que o faziam mais por verem a ferramenta de ferro com que a faziam, do que por verem a Cruz, porque eles não têm coisa que de ferro seja, e cortam sua madeira e paus com pedras feitas como cunhas, metidas em um pau entre duas talas, mui bem atadas e por tal maneira que andam fortes, segundo diziam os homens, que ontem a suas casas foram, porque lhas viram lá. [...] Andavam todos tão dispostos, tão bem feitos e galantes com suas tinturas, que pareciam bem. [...] Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença. [...] Eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra alimária, que acostuada seja ao viver dos homens. Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos. [...] Neste dia, enquanto ali andaram, dançaram e bailaram sempre com os nossos, ao som dum tamboril dos nossos, maneira que são muito mais nossos amigos que nós seus. [...]"



© José Rosel/Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo

Oscar Pereira da Silva, *Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro em 1500*, 1922, óleo sobre tela, 333 x 190 cm. Museu Paulista.

Depois de analisar os dois documentos, discuta com seus colegas algumas das características físicas e morais dos indígenas neles retratadas e preencha o quadro a seguir.

Aspectos físicos	Aspectos morais
_____	_____
_____	_____
_____	_____



### Leitura e Análise de Texto

#### O homem no estado de natureza

Segundo Rousseau (*Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens*), antes de existir no estado social, isto é, de viver em sociedade, o homem existia no estado de natureza.

Do ponto de vista físico, esse homem primitivo, embora fosse menos forte e ágil em certos aspectos do que muitos animais, no conjunto levava vantagem sobre todos eles; a

terra, naturalmente fértil e coberta de florestas imensas “que o machado jamais mutilou,”<sup>1</sup> lhe permitia satisfazer todas as suas necessidades naturais (alimentação, reprodução, abrigo etc.) sem grandes dificuldades; acostumado desde a infância às intempéries da natureza, à intensidade das estações, à fadiga, a defender de mãos vazias e nu a si mesmo e à sua prole de animais ferozes ou deles escapar correndo, valendo-se para isso apenas de seu próprio corpo, mostrava-se fisicamente robusto e ágil, muito mais do que qualquer homem poderia ser nos tempos atuais; graças à sua robustez, praticamente não conhecia doenças, exceto os ferimentos naturalmente decorrentes da velhice; visto que a conservação de sua vida era praticamente sua única preocupação, era natural que os sentidos mais desenvolvidos fossem aqueles mais diretamente voltados para esse objetivo (subjugar a presa ou escapar de tornar-se uma), como a vista, a audição e o olfato, ao passo que o tato e o paladar podiam permanecer rudes. Em suma, a exemplo do que ocorre com os animais que, uma vez domesticados, perdem força, vigor e coragem, também o homem, no estado de natureza, é muito melhor fisicamente do que no estado social.

Do ponto de vista moral, ao contrário dos animais que se limitam a seguir as regras prescritas pela natureza, o homem se constitui como **agente livre**,<sup>2</sup> podendo escolher ou rejeitar essas regras. Assim, enquanto “um pombo morre de fome perto de uma vasilha cheia das melhores carnes, e um gato sobre uma porção de frutas ou de grãos, embora ambos pudessem nutrir-se com os alimentos que desdenham, se procurassem experimentá-los”,<sup>3</sup> o homem, dotado de vontade, é capaz não apenas de diversificar seus alimentos, como também de continuar a comer quando sua necessidade natural já foi satisfeita, ainda que isso lhe cause prejuízo à saúde.

É justamente essa sua condição de agente livre, e a consciência que possui dessa liberdade, uma das diferenças entre o homem e os animais, segundo Rousseau.

“A natureza manda em todo animal, e a besta obedece. O homem experimenta a mesma impressão, mas se reconhece livre de aquiescer ou de resistir; e é sobretudo na consciência dessa liberdade que se mostra a espiritualidade de sua alma.”<sup>4</sup>

Outra característica distintiva do ser humano é a sua *perfectibilidade*, isto é, sua “faculdade de se aperfeiçoar.”<sup>5</sup> Ao contrário do animal que, “é, no fim de alguns meses, o que será toda a vida, e sua espécie, ao cabo de mil anos, o que era no primeiro desses mil anos,”<sup>6</sup> o homem pode, com o auxílio das circunstâncias, desenvolver suas potencialidades, as quais se encontram tanto no indivíduo quanto na espécie. Infelizmente, diz Rousseau, é justamente essa capacidade distintiva e quase ilimitada do homem para aperfeiçoar-se a fonte de todos os seus males, uma vez que é ela a responsável por tirá-lo do estado de natureza no qual ele “passaria dias tranquilos e inocentes.”<sup>7</sup>

Quanto aos valores morais, Rousseau considera que, no estado de natureza, os homens não eram nem bons, nem maus, nem possuíam vícios ou virtudes, uma vez que não havia entre eles nenhum tipo de relação moral ou de deveres recíprocos. Na realidade, a única virtude natural que possuíam era a  **piedade**, entendida como uma “repugnância inata de ver sofrer seu semelhante.”<sup>8</sup> Decorre daí a ideia do bom selvagem, frequentemente associada à teoria de Rousseau. Dessa virtude natural é que resultam as virtudes sociais como a generosidade, a clemência, a humanidade, a benquerença e a comiseração.

Essa piedade natural do homem opõe-se ao seu **amor-próprio**,<sup>9</sup> nele gerado pela razão e pela reflexão, típicas do estado de sociedade. É por causa da reflexão que o homem é capaz de pensar primeiro em si e, vendo sofrer um seu semelhante, dizer: “Morre, se queres; estou em segurança”.<sup>10</sup> E complementa Rousseau:

“Pode-se impunemente degolar o semelhante debaixo da janela; é só tapar os ouvidos e argumentar um pouco, para impedir que a natureza, revoltando-se nele, o identifique com aquele que se assassina. O homem selvagem não tem esse admirável talento, e, por falta de sabedoria e de razão, vemo-lo sempre entregar-se, aturdido, ao primeiro sentimento de humanidade”.<sup>11</sup>

A piedade é, pois, para Rousseau, um sentimento natural presente em todos os homens. Daí sua posição, de que o homem nasce bom e a sociedade o corrompe, ser contrária a de outros pensadores, como Hobbes, por exemplo.

“É ela que nos leva sem reflexão em socorro daqueles que vemos sofrer; é ela que, no estado de natureza, faz as vezes de lei, de costume e de virtude, com a vantagem de que ninguém é tentado a desobedecer à sua doce voz; é ela que impede todo selvagem robusto de arrebatrar a uma criança fraca ou a um velho enfermo sua subsistência adquirida com sacrifício, se ele mesmo espera poder encontrar a sua alhures; é ela que, em vez desta máxima sublime de justiça raciocinada, *Faze a outrem o que queres que te façam*, inspira a todos os homens esta outra máxima de bondade natural, bem menos perfeita, porém mais útil, talvez, do que a precedente: *Faze o teu bem com o menor mal possível a outrem*”.<sup>12</sup> Esta era, em linhas gerais, segundo Rousseau, a situação em que vivia o homem no estado de natureza, no qual a desigualdade praticamente não existia.

<sup>1</sup> ROUSSEAU, J.-J. *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens*. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=2284](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2284)>. p. 14. Acesso em: 13 nov. 2009.

<sup>2</sup> Idem, p. 18.

<sup>3</sup> Ibidem.

<sup>4</sup> Ibidem.

<sup>5</sup> Ibidem.

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> Ibidem.

<sup>8</sup> Idem, p. 24.

<sup>9</sup> Rousseau adverte que não se pode confundir **amor-próprio** com **amor de si mesmo**. São dois sentimentos muito distintos. “O amor de si mesmo é um sentimento natural que leva todo animal a velar por sua própria conservação, e que, dirigido no homem pela razão e modificado pela piedade, produz a humanidade e a virtude. O amor-próprio é apenas um sentimento relativo, factício e nascido na sociedade, que leva cada indivíduo a fazer mais caso de si do que de qualquer outro, que inspira aos homens todos os males que se fazem mutuamente, e que é a verdadeira fonte da honra” (Idem, p. 62, nota 15). Uma vez estabelecida essa distinção, o autor esclarece que, no estado de natureza, o amor-próprio não existe.

<sup>10</sup> ROUSSEAU, J.-J. Op. cit., p. 25.

<sup>11</sup> Idem, p. 25-26.

<sup>12</sup> Idem, p. 26.

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

Depois de ler atentamente o texto apresentado, responda:

1. Como se caracterizava o homem no estado de natureza, segundo Rousseau, do ponto de vista físico e moral?

2. Você vê alguma semelhança entre esse homem caracterizado por Rousseau e a descrição feita por Caminha e por Oscar Pereira da Silva do índio brasileiro? Justifique.

---

---

---

---

3. Qual a diferença entre “amor de si” e “amor-próprio” segundo Rousseau? Qual dessas formas de amor predomina na sociedade atual? Comente.

---

---

---

---



### APRENDENDO A APRENDER

Em casa, assista ao filme *O enigma de Kaspar Hauser*, de Werner Herzog (Alemanha, 1974. 110 min. 14 anos.), tendo em mente a seguinte questão: Como seria a vida de uma pessoa que não tivesse contato com a civilização?

## A propriedade privada como origem da desigualdade social



### PESQUISA EM GRUPO

Analise o excerto a seguir, extraído da Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, e discuta: A propriedade é um direito natural ou convencional? Justifique sua resposta. Apresente um registro do grupo para esta pesquisa.



Artigo 1º – Os homens nascem e são livres e iguais em direitos. As distinções sociais só podem fundar-se na utilidade comum.

Artigo 2º – A finalidade de toda associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis do homem. Esses Direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistência à opressão. [...]

Artigo 17 – Como a propriedade é um direito inviolável e sagrado, ninguém dela pode ser privado, a não ser quando a necessidade pública legalmente comprovada o exigir e sob condição de justa e prévia indenização.

*Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789.* Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-à-criação-da-Sociedade-das-Nações-até-1919/declaracao-de-direitos-do-homem-e-do-cidadao-1789.html>>. Acesso em: 13 nov. 2009.



## Leitura e Análise de Texto

### A propriedade privada como origem da desigualdade social

Após ter demonstrado a quase inexistência da desigualdade no estado de natureza, Rousseau, ainda raciocinando hipoteticamente, passa a descrever como ela surge e se desenvolve ao longo da história, procurando demonstrar que o momento determinante para esse surgimento foi o da invenção da propriedade privada.

“O primeiro que, tendo cercado um terreno, se lembrou de dizer: ‘Isto é meu’, e encontrou pessoas bastantes simples para o acreditar, foi o verdadeiro fundador da sociedade civil. Quantos crimes, guerras, assassínios, misérias e horrores não teria poupado ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou tapando os buracos, tivesse gritado aos seus semelhantes: ‘Livrai-vos de escutar esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos, e a terra de ninguém!’”<sup>1</sup>

Mas como a humanidade chegou a esse ponto? Segundo Rousseau, isso ocorreu graças a uma série de acasos que levaram a sucessivos progressos, ao aperfeiçoamento da razão humana e à deterioração da espécie, tornando mau um ser que era naturalmente bom ao transformá-lo em ser social.<sup>2</sup> Dentre os progressos obtidos, destacam-se: o aprimoramento das habilidades físicas, proporcionado pela necessidade de sobrevivência; a descoberta das armas naturais (galhos e pedras) e a criação de outras (arco e flecha, lanças etc.); a invenção da pesca; a percepção de certas relações (grande, pequeno, forte, rápido, lento, medroso, corajoso etc.), levando a certo nível de reflexão; a consciência da superioridade em relação aos animais, gerando o sentimento de orgulho; as primeiras associações com seus semelhantes para fins de defesa mútua; o desenvolvimento dos instrumentos de produção mais eficientes (machados de pedras cortantes); o aparecimento das famílias e de uma espécie de propriedade das habitações; o surgimento do amor conjugal e do amor paternal, fruto do hábito de viver junto; o estabelecimento da primeira

diferença no modo de viver de cada sexo, até então inexistente: as mulheres tomando conta da cabana e os homens provendo a subsistência; o aprimoramento da linguagem; a formação das ideias de mérito e beleza, produzindo sentimentos de preferência; o surgimento do amor e do ciúme; o aparecimento do canto e da dança como formas de distração; o nascimento de sentimentos como a vaidade, a inveja, a vergonha e a vingança; a invenção da metalurgia e da agricultura.

Aos poucos, os mais fortes e habilidosos começaram a se destacar, aprofundando a desigualdade. Assim, o homem, que antes era livre, passou a ser escravo de seus semelhantes e a ambição devoradora que se apossou dos homens passou a inspirar em todos eles uma “tendência a se prejudicarem mutuamente, uma inveja secreta tanto mais perigosa quanto, para dar o golpe com mais segurança, toma muitas vezes a máscara de benevolência.”<sup>3</sup>

Desse modo, conclui Rousseau, rompeu-se a igualdade do estado de natureza e instaurou-se “a pior desordem”:

“[...] as usurpações dos ricos, os assaltos dos pobres, as paixões desenfreadas de todos, sufocando a piedade natural e a voz ainda mais fraca da justiça, tornaram os homens avarentos, ambiciosos e maus. [...] A sociedade nascente foi praça do mais horrível estado de guerra: o gênero humano, aviltado e desolado, não podendo mais voltar atrás, nem renunciar às infelizes aquisições já obtidas, e não trabalhando senão para a sua vergonha pelo abuso das faculdades que o honram, se colocou também na véspera de sua ruína.”<sup>4</sup>

Esses são, pois, segundo Rousseau, os primeiros efeitos nocivos da instituição da propriedade.

Instaurada a desigualdade e o “estado de guerra” entre os homens, os ricos precisavam criar mecanismos para legitimar e perpetuar sua condição. Sabiam muito bem, diz Rousseau, que suas usurpações apoiavam-se em um “**direito precário e abusivo**” e que, tendo adquirido suas posses pelo uso da força, não poderiam reclamar caso essas lhes fossem tomadas da mesma maneira.<sup>5</sup>

“Bem podiam dizer: ‘Fui eu quem construí este muro; ganhei este terreno com o meu trabalho’. – ‘E quem vos deu o material?’ – poder-se-ia responder-lhes – ‘E em virtude de que pretendeis ser pagos à nossa custa por um trabalho que não vos impusemos? Ignorais que uma multidão de vossos irmãos perece ou sofre da necessidade daquilo que tendes demais, e que precisaríeis de um consentimento expresso e unânime do gênero humano para vos apropriardes de tudo que na subsistência comum vai além da vossa?’”<sup>6</sup> Assim, munido pela necessidade, o rico concebeu uma forma de transformar em aliados seus adversários, inspirando-lhes máximas e criando instituições que servissem a seus propósitos.

“‘Unamo-nos’ – lhes disse – ‘para livrar da opressão os fracos, conter os ambiciosos e assegurar a cada um a posse do que lhe pertence: instituíamos regulamentos de justiça e de paz, aos quais todos sejam obrigados a se conformar, que não façam acepção de pessoas e que de certo modo reparem os caprichos da fortuna, submetendo igualmente o poderoso e o fraco a deveres mútuos. Em uma palavra, em vez de voltar nossas forças contra nós mesmos, reunamo-las em um poder supremo que nos governe segundo leis sábias, que proteja e defenda todos os membros da associação, repila os inimigos comuns e

nos mantenha em uma eterna concórdia”.<sup>7</sup> Desse modo, “Todos correram para as suas cadeias de ferro, acreditando assegurar a própria liberdade”.<sup>8</sup> E complementa Rousseau:

“Tal foi ou deve ter sido a origem da sociedade e das leis, que deram novos entraves ao fraco e novas forças ao rico, destruíram sem remédio a liberdade natural, fixaram para sempre a lei da propriedade e da desigualdade, de uma astuta usurpação fizeram um direito irrevogável e, para proveito de alguns ambiciosos, sujeitaram para o futuro todo o gênero humano ao trabalho, à servidão e à miséria”.<sup>9</sup>

Em suma, pode-se concluir que, para Rousseau, a desigualdade, insignificante no estado de natureza, institui-se por obra do próprio homem, pelo desenvolvimento de nossas faculdades e pelo progresso de nosso espírito, consolidando-se finalmente pelo estabelecimento da propriedade e das leis.

<sup>1</sup> ROUSSEAU, J.-J. *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens*. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=2284](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailheObraForm.do?select_action=&co_obra=2284)>. p. 29-30. Acesso em: 13 nov. 2009.

<sup>2</sup> Idem, p. 29.

<sup>3</sup> Idem, p. 36.

<sup>4</sup> Ibidem.

<sup>5</sup> Ibidem.

<sup>6</sup> Idem, p. 37.

<sup>7</sup> Ibidem.

<sup>8</sup> Ibidem.

<sup>9</sup> Ibidem.

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

A partir da leitura do texto, responda:

1. Quais foram, segundo Rousseau, os efeitos do surgimento da propriedade privada?

---

---

---

---

---

2. Que papel cumprem, segundo o autor, as leis e o Estado com relação à propriedade?

---

---

---

---

---

3. Comente o significado da frase: “Todos correram para as suas cadeias de ferro, acreditando assegurar a própria liberdade”.

## O contrato social e a igualdade formal

1. Em grupo, leia, analise e compare os excertos a seguir. Depois, responda: A igualdade formal (perante a lei) é suficiente para garantir a igualdade e a justiça na sociedade? Argumente e registre em uma folha avulsa.



### Leitura e Análise de Texto

“[...] Art. 5º – Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I – homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição; [...]

XXIII – a propriedade atenderá a sua função social. [...]”

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 13 nov. 2009.

“O Brasil é um país marcado por desigualdades: sociais, econômicas, regionais, etárias, educacionais. Transversalmente a estas, permeando e potencializando os seus mecanismos de exclusão, estão as desigualdades de gênero e de raça. A pregnância do legado cultural escravocrata e patriarcal é, ainda, de tal forma profunda que, persistentemente, homens e mulheres, brancos e negros continuam a ser tratados desigualmente. Um e outro grupo têm oportunidades desiguais e acesso assimétrico aos serviços públicos, aos postos de trabalho, às instâncias de poder e decisão e às riquezas de nosso país.

Apesar da igualdade formal, presente na letra da lei e de importância inquestionável, é na vivência cotidiana que a ideologia que reforça iniquidades de gênero e raça é mais explicitamente percebida. Imiscuindo-se insidiosamente nas relações sociais, produz discrepâncias que redundam em exclusões. Nos bancos escolares, no interior das empresas, nas cidades, nas famílias, no campo, no interior dos lares, nos hospitais, nas favelas e em

cada parte da nossa sociedade, negros são discriminados por sua cor/raça e mulheres, por seu sexo.

[...] Somente quando a igualdade formal se traduzir em igualdade real poderemos nos orgulhar da consolidação da nossa democracia.”

POCHMANN, Márcio. Apresentação. In: *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. Luana Pinheiro et al. 3. ed. Brasília: Ipea: SPM: UNIFEM, 2008. p. II. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf/livreto\\_retrato\\_3edicao.pdf](http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf/livreto_retrato_3edicao.pdf)>. Acesso em: 13 nov. 2009.



## Leitura e Análise de Texto

### O contrato social e a igualdade formal

Apesar de sua crítica mordaz aos rumos tomados pela civilização, Rousseau não propõe o retorno da humanidade ao estado de natureza, o que, de resto, seria impossível. Uma vez instituída a sociedade civil, não há mais caminho de volta. Trata-se, agora, de encontrar uma forma de assegurar que a vida em sociedade esteja em conformidade com a justiça e a liberdade. Cabe, segundo o autor, na obra *Do Contrato Social*:

“Encontrar uma forma de associação que defenda e proteja de toda a força comum a pessoa e os bens de cada associado, e pela qual, cada um, unindo-se a todos, não obedeça, portanto, senão a si mesmo, e permaneça tão livre como anteriormente.”<sup>1</sup>

Como isso seria possível? Como conciliar obediência e liberdade? A resposta estaria no contrato social, isto é, na livre associação dos indivíduos que deliberadamente decidem constituir certo tipo de sociedade e a ela obedecer. As cláusulas desse contrato se reduziriam a uma só: “a alienação total de cada associado, com todos os seus direitos, em favor de toda a comunidade; porque, primeiramente, cada qual se entregando por completo e sendo a condição igual para todos, a ninguém interessa torná-la onerosa para os outros.”<sup>2</sup>

Alienar significa transferir para outrem o domínio ou a propriedade de alguma coisa, renunciar.<sup>3</sup> No caso em questão, trata-se de renunciar parcialmente a si mesmo (parte de seu poder, de sua vontade, de sua liberdade) em benefício da coletividade. Como, porém, essa alienação é total, isto é, praticada por todos, cada cidadão não estará obedecendo a interesses particulares de um determinado grupo, mas à **vontade geral**, que é sempre dirigida para o bem comum. Assim, a ameaça da opressão, da injustiça e da desigualdade fica afastada.

“Enfim, cada qual, dando-se a todos, não se dá a ninguém, e, como não existe um associado sobre quem não se adquira o mesmo direito que lhe foi cedido, ganha-se o equivalente de tudo o que se perde e maior força para conservar o que se tem.”<sup>4</sup> Como a vontade individual de cada cidadão participa da vontade geral, visto que a alienação foi aceita por todos com liberdade, a submissão à vontade geral conduz à liberdade: cada cidadão obedece às leis que prescreveu para si mesmo.

Na realidade, Rousseau distingue “**liberdade natural**”, que consiste em fazer tudo o que se deseja e que esteja ao alcance das próprias forças, de “**liberdade civil**” ou “**liberdade moral**”, que é limitada pela vontade geral.<sup>5</sup> Com o contrato, o homem perde a primeira, mas ganha a segunda. E para Rousseau, essa liberdade moral adquirida com o estado civil é a “única que torna o homem verdadeiramente senhor de si mesmo, posto que o impulso apenas do apetite constitui a escravidão, e a obediência à lei a si mesmo prescrita é a liberdade.”<sup>6</sup> Nesse contexto, as leis ganham novo significado: sendo resultado da vontade geral, a obediência a elas deixa de ser um mecanismo de submissão aos ricos para se tornar expressão da liberdade e da soberania do povo.

Assim, de algum modo, o contrato social compensa, com vantagem, a perda da igualdade que reinava no estado de natureza, substituindo uma eventual desigualdade natural de força e de gênio entre os homens, por uma “igualdade moral e legítima” pela qual “todos se tornam iguais por convenção e direito.”<sup>7</sup> Trata-se, porém, como o próprio Rousseau reconhece, de uma igualdade formal, de direito, capaz de conviver perfeitamente com a desigualdade material, de fato.

<sup>1</sup> ROUSSEAU, J.-J. *Do Contrato Social*. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=2244](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2244)>. p. 9. Acesso em: 13 nov. 2009.

<sup>2</sup> Idem, p. 10.

<sup>3</sup> *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (edição eletrônica). Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.

<sup>4</sup> ROUSSEAU, J.-J. Op. cit. p. 10.

<sup>5</sup> Idem, p. 12.

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> Idem, p. 13.

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

Com base no texto apresentado, responda:

1. Em que consiste o “contrato social”, tal como o concebe Rousseau?

---



---



---

2. O que o autor entende por “alienação total”?

---



---



---

3. Como Rousseau distingue “liberdade natural” de “liberdade civil” ou “moral”?

---



---



---





## PARA SABER MAIS

### Livros

- CHAUI, Marilena. *Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- PLATÃO. *A República*. Tradução Anna Lia A. de A. Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ROUSSEAU, J.-J. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Tradução Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1983. (Os Pensadores). Disponível também em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=2284](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2284)>. Acesso em: 13 nov. 2009.
- \_\_\_\_\_. *Do contrato social*. Tradução Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1983. (Os Pensadores). Disponível também em: <[http://www.clube-de-leituras.pt/upload/e\\_livros/clle000050.pdf](http://www.clube-de-leituras.pt/upload/e_livros/clle000050.pdf)>. Acesso em: 13 nov. 2009.

### Sites

- FUNDO de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher. Disponível em: <<http://www.unifem.org.br/>>. Acesso em: 13 nov. 2009.
- INSTITUTO de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: <[www.ipea.gov.br/](http://www.ipea.gov.br/)>. Acesso em: 13 nov. 2009.
- RETRATO das desigualdades de gênero e raça. 3. ed. Análise preliminar dos dados. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/destaque/Pesquisa\\_Retrato\\_das\\_Desigualdades.pdf](http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/destaque/Pesquisa_Retrato_das_Desigualdades.pdf)>. Acesso em 25 nov. 2009.
- SECRETARIA Especial de Políticas para as Mulheres. Disponível em: <<http://www.presidencia.gov.br/spmulheres/>>. Acesso em: 13 nov. 2009.